

Ana Luísa Amaral'

“As cores da servidão” e outros poemas

As cores da servidão: variações

1.

Entrou no avião para a primeira fila,
e era loura, mala de mão
macia em boa pele

À sua frente, e jovem como
ela, o marido elegante e confortável
na cor da sua íris internacional

Atrás dos dois, na fila de embarcar,
e era quase menina, uma criada,
touca branca e bordada
e uma criança
aconchegada ao peito

Eram, em provisório, senhores dela,
os donos do seu tempo e vida,
gestos sagazes como linceas
jactantes de poder

E negra, ela, sem caminhar suave
de gazela, sentou-se com o filho que era
deles na fila mais ao fundo
do longo corredor

2.

vestida de criada, não era
carnaval, era real, a touca
e farda de moderna escrava

dos seus donos, embora
transitórios, olhos de lança
fitando uma gazela, olhar

que haviam de passar
ao filho, descansando pesado
de encontro ao corpo dela

história politicamente incorrecta para quem é mais pequenino

Se eu calçasse o 33
era muito boazinha
falaria aos passarinhos
ia ao baile disfarçada
de princesa

E conhecia os pais dele
e dançaria com ele
até quase à meia noite
convencida de que aquilo
era o amor

Se eu calçasse o 33
perderia o sapatinho
e ficaria sem fôlego
de correr desaustinada
ao longo da escada-
ria. Que maçada!

Se eu calçasse o 33
tinha uma madrinha-fada
a dar-me longo vestido
lantejoula de casada
e servia-me o sapato
de cristal
Mas eu calço o 39
e quem se casou foi ela
a do pezinho pequeno
e olho de Cinderela

Sorte a dela!
Que a Anastácia e a Griselda
ficaram ali sozinhas
sem passarinhos, só ratos
e dois gatos
que não sabem transformar-se
em carruagem

E eu sozinha aqui fiquei
cometendo arte menor,
a de transformar palavras
no que soa ser amor
mas só soa ser amor

Que sorte, a de Cinderela!
Sorte a dela?

É que (diz a outra história,
a feminista)
na noite do casamento,
já depois das badaladas
entre despir o vestido
e descalçar sapatinho
de cristal

o príncipe transformou-se
em rã verde e trapezista
e de veneno mortal
e desatou a morder-
lhe o dedo grande do pé

De bem pouco lhe serviu,
a Cinderela,
pezinho de 33 –

Genealogias, impressões e voos

Era de Angola e negra a minha trisavó,
encontrei outro dia o seu nome no verso
não de poema disperso por gaveta,
mas de papel impressionado
a luz e a cristais de prata

Foi o seu filho quem lhe escreveu
o nome na fotografia, em gesto de memória.
Lembro-me dele ainda, vagamente,
eu muito menina e ele quase cego,
tocava violoncelo, esse meu bisavô,
falava devagar e num ritmo
incerto e delicado

Estão desbotados ambos por idades,
fotografia e a minha trisavó:
o seu cabelo branco em caracóis
(ínfimos olhos de ave tropical),
uma pele muito lisa que lhe invejo, eu
que lhe herdei o nome, mas não a macieza
e cor de pele

Podia a minha filha revelar
pigmentos transmitidos
por essa mulher doce,
como dizia ainda a minha avó,
mas os olhos azuis da minha filha
vieram-lhe de novas impressões

O pigmento lançado pelo tempo
de ADN comum
chegou à minha filha
em camada invisível: num figmento de pele
imperceptível, uma herança de voz:
música de korá mais do que violoncelo
em ritmo europeu

Não se extinguem de facto os vulcões,
antes hão-de abrigar, em comoção de luz,
reimpressões de nós
tingidas pela música de eternos filamentos:
pássaros que algum dia, a cópia nunca igual,
mas de tal gloriosa imperfeição
que o voo lhes é asa –

Dois cavalos: paisagem

Estão lado a lado,
naquela praça em frente da igreja,
nesse calor de quando o mundo oscila
na linha de horizonte,
e o rio quase defronte:
uma miragem

Estão lado a lado,
sujos de pó, as cabeças tombadas para a frente,
unidos pelo jugo desigual, a carroça apoiada no muro
mas pronta a ser unida aos corpos deles

Estarão feitos assim: velhos amigos,
os corpos encostados mesmo neste calor,
pela aliança muda?

Arreios, cabeçadas, todos os instrumentos
do que parece ser mansa tortura
mais o freio, ou bridão,
parecido com aquele colocado na boca das mulheres
que desobedeciam,

e era isso há muito tempo,
pelo menos quatro séculos,
ou semelhante ao que se usava
nos escravos, cobrindo-lhes a boca
para que não se envenenassem,
porque se recusavam a viver
escravos
e era isso quase agora, no século passado

Mas eles não criam caos nem desacato,
não se revoltam nem tentam o veneno
se o freio agudo lhes fere, pungente,
gengiva, língua, osso

Só se encostam quietos, um ao outro,
cabeças derrubadas para a frente,

à espera do chicote
que chegará depois com a carroça, pronta
para a entrega das coisas
humanas, o comércio

E é esta a mais perfeita
das colonizações

NOTA

* Ana Luísa Amaral é autora de mais de três dezenas de livros, de poesia, teatro, ficção, infanto-juvenis e de ensaio, traduzidos e editados em inúmeros países. Traduziu poetas como Emily Dickinson, William Shakespeare ou Louise Glück. Obteve várias distinções e prémios em Portugal e no estrangeiro, como o *Prémio Literário Correntes d'Escritas*, o *Premio de Poesía Fondazione Roma*, o *Grande Prémio de Poesia da APE*, o *Premio PEN de Narrativa*, o *Prémio Leteo*, ou o *Prémio Vergílio Ferreira*. Tem, com Luís Caetano, um programa de rádio semanal na Antena2 sobre poesia, *O som que os versos fazem ao abrir*. É professora aposentada da Universidade do Porto e membro do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, onde coordenou vários projectos internacionais e linhas de investigação.